



EDUARDO RESENDES



EDUARDO RESENDES

Lee Hun Chung que está até ao fim de março em residência artística no Pico do Refúgio, revela, em entrevista, que “quis deixar uma peça com significado na ilha”

Artista coreano cria escultura metáfora da ilha

Peça de grande dimensão do escultor Lee Hun Chung é metáfora da harmonia entre o homem e a natureza. Será revelada no dia 28, no Open Day da residência artística no Pico do Refúgio

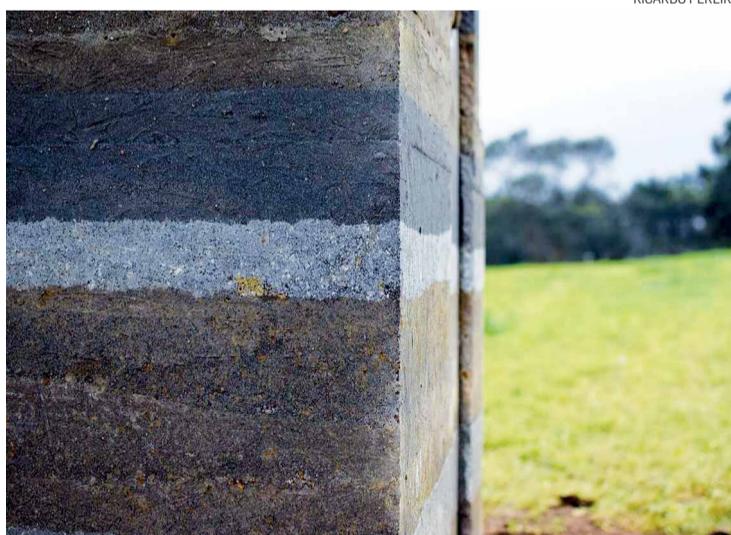
PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

“A viagem só existe porque há regresso, se não há regresso, não é uma viagem, é apenas partir”, diz Lee Hun Chung.

O artista coreano, há quase um mês em residência artística no Pico do Refúgio, está, pois, “em viagem”, o que para o escultor é o mesmo que dizer que está no período do ano em que, num outro país que não o seu, fora do seu estúdio onde se dedica à cerâmica, se permite experimentar novos materiais e criar a partir da inspiração que retira deles.

“Quando trabalho com instalação e objetos de arquitetura, ou faço mobiliário artístico sinto que estou numa viagem, estou a ir a algum lado”, diz, confessando que a cerâmica, por outro lado, “é como a minha casa”.

No Pico do Refúgio, está a criar uma escultura de grande dimensão. “Estão a ser recolhidos vários tipos de argila. E estou a usar madeira serrada para podermos ver as marcas da madeira na escultura que terá o formato de uma



Escultura será revelada dia 28, pelas 18h30, no Open Day da residência

cadeira e pretende significar a harmonia entre a natureza e o homem, passado, presente e futuro”, revela Lee Hun Chung, sublinhando que “quis deixar uma peça com significado na ilha”.

Colocada no exterior da propriedade do Pico do Refúgio, o artista explica que “a localização escolhida não foi ao acaso”. “Eu adoro o oceano! O nome do meu estúdio significa oceano”, expli-

ca, confidenciando que a palavra é “muito importante” para a sua vida, porque as memórias que guarda do pai, que morreu quando Lee era “muito novo”, estão “ligadas ao mar”. “Ele tinha um pequeno barco e levava-me no barco para o mar. É uma memória muito importante do meu pai”, admite, explicando que foi por isso que escolheu “colocar a peça de frente para o oceano”.

RICARDO PEREIRA

Na ilha vulcânica, encontrou o que precisa. “É o lugar perfeito para mim!” - foi o que pensou quando cá chegou. “Não tem muitas pessoas, e tem uma natureza maravilhosa”. “É como o Havai no Atlântico”, diz Lee que, antes do convite para fazer uma residência artística no Pico do Refúgio, não conhecia os Açores.

“Quando estou no meu estúdio tenho de lidar com galeristas, recebo muitos telefonemas, emails. Tento, por isso, sair do meu estúdio pelo menos seis meses no ano”, explica o escultor, com formação em escultura cerâmica, escultura e arquitetura. “Eu sou artista a tempo inteiro há quase 30 anos” e “vivo de vender a minha obra, e muitas vezes sinto que sou um artista, outras vezes sinto-me como um homem de negócios”.

Por isso, a partir de certa altura, começou “a sentir que precisava de um novo desafio e de uma nova atmosfera”. “Gosto de ser livre, puro. Estar num local escondido é o meu desejo”, confessa.

E foi assim que decidiu vir

para Portugal. Em Portugal, “senti um bom equilíbrio”, ao contrário de quando “vou para Nova Iorque, Londres, Tóquio, onde “é muito sobre dinheiro e vidas demasiado ocupadas”. “Depois, gostei da natureza, do oceano, do tempo, da comida, vinho, e marisco (risos)”, o que justifica ser já a quarta vez que vem a Portugal, conta.

“Quando tomo decisões sobre fazer alguma coisa: a decisão de estudar cerâmica, de fazer uma escultura, ou trabalhar com arquitetura, normalmente as pessoas pensam muito. Mas isso não é para mim. Quando decido alguma coisa, é simples: se gosto, faço-o. Muito intuitivamente. Mas, o meu caráter leva-me a que, quando decido alguma coisa, faça o meu melhor”, revela Lee Hun Chung.

Com a residência artística no Pico do Refúgio a chegar ao fim, o artista, rendido à ilha verde, diz que “se não tiver mais nenhuma oportunidade de fazer arte aqui, adoraria voltar com a família”. Mas o que gostaria mesmo que se concretizasse é uma exposição sua no Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas. “Fiquei tão impressionado com o Centro de Arte na Ribeira Grande. Que centro bonito! Gosto de lá ir todos os dias, ler um livro, desenhar...”, conta, sublinhando, admirado, que “na Coreia nunca aconteceria ter numa cidade pequena um centro de arte como aquele”.

“O meu próximo desafio é ter uma exposição lá”, diz Lee. ♦